



A³P - ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

ESCOLA POLYTÉCNICA DO RIO DE JANEIRO – ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA
ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ – ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Boletim de divulgação da A³P – nº 165 – setembro de 2008
Largo de São Francisco de Paula – nº 01 – Centro – Rio de Janeiro – CEP 20051-070
Tel/Fax: (21) 2221-2936
Site: www.a3p.com.br - e-mail: a3poli@superig.com.br e a3p@poli.ufrj.br

UFRJ FAZ ENTREGA DE PRÊMIOS DE DIGNIDADE ACADÊMICA



No dia 12 de agosto, a Reitoria da UFRJ promoveu a realização da cerimônia de entrega do Prêmio Dignidade Acadêmica de 2008. Mais uma vez, ex-alunos da Escola Politécnica puderam ser agraciados com a entrega desses prêmios. O evento, ocorrido no Auditório Roxinho no CCMN, teve como finalidade oferecer um diploma adicional a ex-alunos que tenham conseguido CRA superior a 8,0 desde que tenham concluído o seu curso dentro do período previsto como duração normal, não tenham sofrido sanção disciplinar ou reprovação em qualquer disciplina.

A premiação é subdividida em três categorias, Cum Laude (de 8,0 a 8,9), Magna Cum Laude (de 9,0 a 9,4) e Summa Cum Laude (de 9,5 a 10).

A seguir, a relação dos ex-alunos da Escola Politécnica que receberam a Dignidade Acadêmica no ano de 2008 com os seus respectivos cursos e CRA's (Coeficiente de Rendimento Acumulado).

Magna Cum Laude: André Luiz Nunes Targino da Costa (Eletrônica e de Computação – 9,0); Wellington Einstein Dalvi dos Santos (Produção – 9,0);

Cum Laude: André Nogueira da Silveira (Eletrônica e de Computação – 8,0); Felipe Maia Arante (Elétrica – 8,0); Gabriel Mayrink da Rocha Hospodar (Eletrônica e de Computação – 8,3); Gustavo Calazans de Cerqueira (Mecânica – 8,3); Leonardo Lima da Silva Marotta (Eletrônica e de Computação – 8,7); Luciano Nunes da Silva (Produção – 8,7); Luiza Maciel Mantovaneli (Produção- 8,0); Marcela Reis de Miranda (Produção – 8,0); Marília Teixeira Fontes (Eletrônica e de Computação – 8,7); Mônica de Oliveira Santo Mendes (Civil – 8,6); Neimar Machado da Silva (Eletrônica e de Computação – 8,0); Pedro Henrique Maciel Lopes (Produção – 8,5); Pedro Loques Rocha (Elétrica – 8,4); Renata Nogueira Francisco (Elétrica – 8,7); Rômulo Poço Vianna (Elétrica 8,3); Thiago Francisco Sophia Marques da Mata (Produção – 8,1); Wallace Alves Martins (Eletrônica e de Computação – 8,7); Walter Carrara Loureiro Júnior (Mecânica – 8,5).

A A3P parabeniza os premiados e deseja intenso sucesso profissional.

LANÇADO O EDITAL PARA MESTRADO PROFISSIONAL DO PROGRAMA DE PROJETO DE ESTRUTURAS

A Comissão Deliberativa do Programa de Pós-Graduação em Projeto de Estruturas torna público o edital para o processo seletivo de ingresso no Programa de Pós-Graduação em Projeto de Estruturas, para o ano de 2009, na modalidade de Mestrado Profissional (*stricto sensu*).

O objetivo do curso consiste em capacitar recursos humanos em Engenharia de Projeto de Estruturas e desenvolver as aptidões necessárias para a elaboração de novas técnicas e processos de análise, dimensionamento e projeto de sistemas estruturais. Além disso, visa enfatizar o aprofundamento da formação científica e tecnológica, para que se possa participar da construção do saber e do desenvolvimento do país, através de projetos de pesquisa relevantes tais como: Desenvolvimento de Sistemas de Análise de Estruturas (Projeto SALT); Projeto Ótimo de Estruturas com Restrição de Confiabilidade; Projeto de Estruturas sob a Ação Sísmica; Projeto de Grandes Sistemas Estruturais; Projeto de Estruturas "Off-shore" fixas. O curso prevê o preenchimento de 12 vagas visando oferecer maior capacitação dos profissionais graduados em engenharia civil.

As inscrições para o processo seletivo se iniciam no dia 01 de outubro e vão até o dia 28 de novembro e poderão ser realizadas na Secretaria da DAPG da Escola Politécnica/UFRJ – Centro de Tecnologia (CT) ou mesmo por via postal.

O processo seletivo será constituído por 2 fases de avaliação, sendo a primeira de caráter eliminatório com provas de avaliação em conhecimentos básicos, redação e língua inglesa. Já a segunda fase, que será classificatória, consistirá na análise curricular e entrevista com os candidatos.

As provas e entrevistas acontecerão nos dias 4 e 5 de dezembro. Para mais informações, entre em contato com a Secretaria da DAPG da Escola Politécnica/UFRJ - Centro de Tecnologia (CT) - Bloco A – 2º andar - Sala 12 - Ilha do Fundão.

Tel: (21)2562-7676, (21)2562-7303 ou acesse www.poli.ufrj.br/strictosensu_ppe.html.

AS ORIGENS DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ (1ª parte)

A origem do ensino de engenharia no Brasil, em caráter formal e contínuo, ocorreu em 17 de dezembro de 1792 quando D. José Luís de Castro, o 2º Conde de Resende, instituiu a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho¹. Esta instituição funcionou até 1810 na Casa do Trem, prédio hoje parcialmente preservado e que faz parte do conjunto arquitetônico do Museu Histórico Nacional na Cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de o seu Estatuto apresentar um conjunto de disciplinas com forte conotação militar, o seu Artigo 2º determinava que: *“Para a instrução do sexto ano nomearei outro Lente, o qual será obrigado a ensinar a Arquitetura Civil, o corte das pedras e madeiras, o orçamento dos edifícios, e tudo o mais que for relativo ao conhecimento dos materiais que entram na sua composição; como também explicará os melhores métodos, que hoje se praticam nas construções dos caminhos e calçadas. No mesmo ano se ensinará igualmente a Hidráulica e as mais partes que lhe são análogas, como a Arquitetura das Pontes, Canais, Portos, Diques e Comportas, e os que quiserem seguir a profissão de Engenheiros ... só terminarão o tempo de sua aplicação no fim do sexto ano”*.

Comprova-se portanto que a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho de 1792 ensinava formalmente a engenharia, em especial também sobre um conhecimento de engenharia não-militar, ou seja, de engenharia civil.

Curiosamente, o Artigo 6º informava: *“os discípulos que aspirarem a ser promovidos a profissão de Engenheiros, serão obrigados a mostrar por exame que sabem a doutrina correspondente ao primeiro ano (ao menos) [sic] e que tenham constituição robusta, sem defeito algum na vista ou tremura de mãos”*. Certamente naquela época eram raros os equipamentos de desenho disponíveis no então Brasil-Colônia (esquadros, réguas, etc.), o que tornava imprescindível a acuidade visual e a firmeza no traço para a confecção das plantas.

Percebe-se aí que os responsáveis pelo ensino militar, então destinado para a defesa do território brasileiro contra as constantes invasões estrangeiras, já consideravam a necessidade de se ocupar convenientemente o solo pátrio, construindo-se edificações não-militares com o uso de materiais apropriados às construções, abrindo estradas e construindo pontes, utilizando-se dos caminhos hidrográficos naturais para o movimento e atracação das embarcações, que na época era o meio mais conveniente para a locomoção de cargas e de passageiros.

Em 04 de dezembro de 1810, aí então sob a iniciativa do Conde de Linhares e com a presença da Família Real na cidade do Rio de Janeiro, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho foi transformada, por carta régia de D. João VI, em Academia Real Militar². E essa carta régia, além de ampliar o ensino com a introdução de cadeiras de ciências matemáticas, físicas e naturais manteve textualmente, no seu Título Segundo, também para o sexto ano, a seguinte cadeira: *“Princípios da Arquitetura Civil, traço e construção das estradas, Pontes, Canais e Portos, Orçamento das obras, e tudo o que mais pode interessar, seja sobre o corte das pedras, seja a força das terras para derrubarem os edifícios, ou muralhas que lhe são contíguas”*.

Embora a Academia Real Militar tenha sofrido várias alterações de conteúdo e de denominação ao longo da sua existência, em meados do século XIX, sob o nome de Escola Militar da Corte, acirrava-se uma discussão institucional que havia se iniciado nos anos 20 e perduraria até 1874, quando houve a separação definitiva dos ensinamentos militar e civil. Segundo Pedro Carlos da Silva Telles³, *“parecer enviado ao Imperador Pedro I, em outubro de 1823, pelo Coronel Engenheiro Francisco Villela Barbosa, futuro Marquês de Paranaquá, assinalava a contradição fundamental do programa da Academia Real Militar, por destinar-se essa Escola tanto à formação de oficiais, como também de engenheiros, para os quais os programas deveriam ser completamente diferentes. Salientava, também,*

que conviria a criação de “uma classe de engenheiros privativa para as obras hidráulicas e de pontes e calçadas, ficando os engenheiros militares desonerados de semelhantes trabalhos, que além de serem mais civis do que militares, exigem uma aplicação e prática particular”. A questão era decorrente desse conflito entre os dois ensinamentos em uma só instituição: Primeiro, a crescente importância dos problemas militares da Bacia do Prata na década de 50 e que culminaram com a Guerra do Paraguai em 1865. Segundo, nessa mesma década, *“entrávamos na época da estrada de ferro, do telégrafo, da navegação a vapor, isto é, no mundo da engenharia civil e dos engenheiros”*⁴. Assim, encontramos no relatório de 1851 do Ministro da Guerra Manoel Felizardo de Souza Melo, a seguinte observação⁵: *“A nossa Escola Militar tem todos os elementos para fazer sábios; poucos, porém, para formar oficiais”*. Por outro lado, o Deputado Lisboa Serra, na sessão da Câmara de 17 de junho de 1854, assim discursou⁶: *“O País reclama urgentemente um pessoal idôneo para cuidar do seu desenvolvimento material e industrial, e nenhuma das nossas instituições pode ministrá-lo a não ser a Escola Militar, onde já se ensinam todas ou quase todas as disciplinas que constituem a parte teórica da engenharia civil”*.

Assim é que, para melhor atender aos anseios militares e ainda responder às necessidades da sociedade civil é criada, em 1855, na Fortaleza da Praia Vermelha, uma Escola de Aplicação responsável pela parte prática dos exercícios militares.

Segundo Jehovah Motta⁷ *“se, em 1855, a Praia Vermelha era o mundo das coisas nascentes, ainda em busca de afirmação e estabilidade, o Largo de São Francisco já era a obra adulta, dona da sua experiência e do seu estilo. Com a reforma desse ano o velho instituto do Conde de Linhares vê restritas “as suas tarefas, mas sentir-se-á mais senhor de si mesmo, pois que melhor aparelhado para fazer aquilo que vinha sendo, há tempos, a sua inclinação mais forte: as matemáticas, as ciências, a engenharia. Cedeu à Praia Vermelha parte do seu currículo, as matérias da técnica militar, mas nada do seu patrimônio material. De agora em diante o seu problema será constituir-se, cada vez mais e melhor, num centro de altos estudos científicos e de formação de engenheiros”*.

Apesar disso a disputa entre os dois ensinamentos continuou. Como assinalou Nascimento Brito⁸, *“dois ilustres militares, o Gen. Bellegarde e o então Marquês de Caxias, quando Ministro da Guerra, em seus relatórios de maio de 1855 e de maio de 1856, insistiram na necessidade de se separar completamente o ensino militar do ensino civil, na criação de um curso com as disciplinas essenciais à engenharia civil, e na mudança do nome da Escola”*.

Em 1 de março de 1858, o Decreto 2.116 determinou que a *“Escola Militar da Corte passa a se denominar Escola Central”*⁹, mas mesmo assim manteve ainda o dilema de ministrar, em uma única instituição, os ensinamentos militar e civil. Segundo o relatório do General Jerônimo Francisco Coelho, seu primeiro Comandante em 1858, as linhas mestres de seu trabalho seriam:

1. *A Escola Central deve ser uma espécie de centro ou tronco para o ensino das doutrinas comuns às diferentes especialidades, e tomar a si, de modo específico, as ciências matemáticas, físicas e naturais;*
2. *A distinção entre a engenharia civil e militar acabará com os inconvenientes da acumulação destas duas espécies em um só indivíduo, que ficava sendo um engenheiro enciclopédico mas sem habilitações perfeitas.*¹⁰

Como observou Silva Telles¹¹, *“mesmo assim a Escola Central continuou a ser um estabelecimento militar, subordinada ao Ministério da Guerra, e onde os professores e alunos militares eram obrigados a freqüentar fardados. A disciplina era rígida, não só para os alunos como também para os professores, cujos atos de indisciplina seriam punidos segundo os Regulamentos*

Militares. Havia atividades escolares mesmo durante as férias quando eram feitos, em caráter obrigatório, trabalhos práticos de topografia e geodésia e, também, visitas a obras e indústrias”.

Como uma escola híbrida que era, isto é, um estabelecimento militar para formar engenheiros militares e civis, o regime na escola variou muito, de acordo com a índole dos comandantes. O Visconde de Taunay¹² conta que no seu tempo de aluno vigorava um regime militar rigoroso, havendo “*para tudo formaturas, chamadas e marchas. O comandante trancava o portão e mandava pôr grades às portas das aulas, para vigilância severa durante as lições e salas de estudos*”.

Evidentemente, o conteúdo da cadeira original de Arquitetura Civil permaneceu no curso da Escola Central, desdobrando-se em várias matérias segundo o aprimoramento acadêmico e o desenvolvimento tecnológico da época.

Durante a Guerra do Paraguai a Escola esvaziou-se, porque muitos professores e alunos foram combater em defesa da Pátria. Os comandantes militares continuaram reclamando que a oficialidade possuía bastante base matemática, mas permanecia a pouca aplicabilidade para as operações militares. Finalmente, em 1874, houve a separação definitiva dos dois cursos, sendo criada a Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e encarregada de ministrar o curso de engenharia civil. Mais uma vez o conteúdo do curso foi ampliado, desdobrando-se em diversas disciplinas correlatas.

ESCOLA POLYTÉCNICA DO RIO DE JANEIRO

O desenvolvimento industrial ocorrido no Brasil durante o século XIX provocou também a necessidade de se estudar novas áreas do conhecimento e aplicações tecnológicas. Estas deveriam ser atendidas com mão de obra mais especializada. Assim é que várias alterações acadêmicas foram feitas no curso de engenharia da Escola Polytechnica (anos de 1874, 1896, 1911, 1925) quando foram criadas, além da Engenharia Civil já existente, outras especialidades: Engenheiro Geógrafo, de Minas, de Artes e Manufaturas, Mecânico, Industrial e Eletricista.

O objetivo era formar engenheiros politécnicos, ou seja, com múltiplos conhecimentos técnicos para atender a diversidade

dos novos campos de atuação. A rigor o aluno continuava formando-se em engenharia civil, na medida em que esse era o maior campo de trabalho, mas especializava-se também em uma outra área de conhecimento. Eram também conhecidos como “engenheiros enciclopédicos”.

No conteúdo das primeiras reformas houve uma fortíssima influência francesa. A rigor essa influência já vinha ocorrendo desde a Escola Central, pois até o seu nome foi evidentemente influenciado pela École Centrale des Arts et Manufactures, criada em Paris em 1828. Não só os livros eram importados da França, mas também foram contratados vários professores franceses (Charles Ernest Guinet, Clément Joubert, Émile Grandmasson, Louis Couty, Eugène Tisserandot e outros). Mais ainda, desde a época da Escola Central até o primeiro quartel do século XX, o Positivismo de Augusto Comte exerceu influência nos ensinamentos da Escola Polytechnica. Conforme Roberto Marinho de Azevedo¹³, “*A influência de Comte fazia-se sentir no curso de cálculo diferencial e integral de Ferreira Braga e no de Licínio Cardoso. A geometria analítica de Comte, a geometria geral como ele preferia chamá-la, era muito lida*”.

Nesse recorte, dois grandes momentos da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro merecem ser citados. O primeiro, de âmbito nacional e social, refere-se à campanha abolicionista. Sob a influência de André Rebouças, um dos professores mais admirado pelos alunos, o corpo discente participou ativamente do movimento. Como forma de chamar mais ainda a atenção da sociedade, os alunos “decretaram” que qualquer escravo que passasse pelo Largo de São Francisco de Paula seria alforriado. “*No dia 15 de maio de 1888 André Rebouças foi carregado pelos alunos em delirante ovação pelo peristilo da Escola*”¹⁴. Já o segundo momento, técnico e restrito à Cidade do Rio de Janeiro, ocorreu no início do século XX, e refere-se a participação dos ex-alunos e então professores Paulo de Frontin e Pereira Passos, na modernização da cidade e construção da Avenida Central.

Ainda sob a denominação de Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, professores e alunos comemoraram a outorga pelo Chefe do Executivo, do Decreto-Lei nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933, que regulamentou a profissão de engenheiro.

(CONTINUA NO PRÓXIMO BOLETIM)

BRUNO CONTARINI ENTRA PARA O RANKING DA ENGENHARIA BRASILEIRA

A revista “O Empreiteiro” realizou, no dia 12 de agosto de 2008, mais uma edição dos “500 Grandes da Construção”. O evento ocorre anualmente e visa premiar as principais empresas de engenharia do país nos segmentos de Construção Civil, Projeto e Consultoria, Montagem Mecânica e Elétrica e Serviços Especiais, ranqueadas pelo faturamento bruto do ano.

Esse ano, o Ranking da Engenharia Brasileira contemplou diversas empresas que tiveram importante papel no ano de 2007. Além disso, realizou homenagens de honra ao mérito a engenheiros que são destaques na engenharia brasileira. Um dos agraciados com essa premiação foi o Engenheiro Bruno Contarini, ex-aluno graduado em Engenharia Civil no ano de 1956 pela nossa Escola Politécnica.

O Eng^o Contarini é notável personalidade na história atual da engenharia brasileira, sendo sua competência reconhecida internacionalmente. Além de ser o responsável pelo cálculo estrutural de vários edifícios de Brasília, entre eles o prédio do Tribunal Federal de Recursos, realizou outras obras tais como: a construção do Hotel Nacional (RJ), a Torre do Shopping Rio Sul no Rio de Janeiro e a Universidade Constantine na Argélia. Também atuou na construção da Ponte Rio Niterói, do Museu de Arte Contemporânea (MAC) em Niterói e mais recentemente do Estádio João Havelange no Rio de Janeiro. O Eng^o Contarini tem sido ainda grande parceiro de Oscar Niemeyer em inúmeros projetos.

A A³P parabeniza a atuação desse brilhante profissional honrando a engenharia brasileira.

MUSEU DA POLI INAUGURA EXPOSIÇÃO*

Já estão expostos no Museu da Escola Politécnica os trabalhos do professor Alcyr Pinheiro Rangel. O Prof^o Rangel ficou famoso nas décadas de 50 e 60 por suas difíceis provas de desenho e geometria descritiva nos vestibulares. É por essa razão que a exposição tem o título “O Terror nos Antigos Vestibulares”. A exposição conta com o vídeo de uma aula e com os sólidos construídos pelo docente para suas aulas de

geometria descritiva na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, hoje a Escola Politécnica da UFRJ.

O Museu da Politécnica funciona no 2º andar do Bloco A do CT, próximo a administração da Poli, de segunda a sexta, das 9h às 16h.

* baseado em informações do site da Escola Politécnica

A³P REALIZA ENCONTRO COM EX-ALUNOS EM SÃO PAULO



Profº Heloi e ex-alunos da Politécnica

Aproveitando ida a cidade de São Paulo, em 11 de agosto, o presidente da A³P organizou, com a ajuda do associado José Ferreira Lima Filho, um jantar de confraternização com ex-alunos residentes naquela cidade.

Naquela ocasião, os ex-alunos formados em 1970: Augusto Cesar Neri de Lima (Eng. Eletricista), José Carlos Paiva Michel (Eng. Mecânica de Automóveis), José Eustachio Dantas (Eng. Eletricista), Paulo de Tarso Martins Gomes (Eng. de Mecânica de Equipamentos) e José Ferreira Lima Filho (Eng. de Mecânica de Automóveis) puderam, juntamente com familiares, rememorar os tempos de Escola e da época de recém formados.

A diretoria da A³P estuda a possibilidade de criar uma A³P – Seção SP, de modo análogo às existentes em outras associações de antigos alunos nacionais e internacionais.

DIRETORIA APROVA DATA PARA ENTREGA DO PRÊMIO AOS MELHORES ALUNOS DE 2007

A Diretoria da A³P aprovou a realização da entrega dos prêmios aos melhores alunos graduados pela Escola Politécnica no ano de 2007. O evento está previsto para o próximo dia 22 de outubro às 17:30 h, na sede da A³P, no Largo de São Francisco de Paula.

CURSO DANOS NAS CONSTRUÇÕES

Será realizado nos próximos dias 27, 28, 29, 30 e 31 de outubro mais um curso promovido pela A³P sobre DANOS NAS CONSTRUÇÕES, ministrado pelo engenheiro Antero Jorge Parahyba e pela arquiteta Adriana Roxo Nunes de Oliveira.

O curso será realizado na sede do Clube de Engenharia, na Avenida Rio Branco, 124 / 18 º andar, das 18:00 h às 20:00 h.

As inscrições podem ser feitas na sede da A³P (tel.: 2221-2936; a3poli@superig.com.br), na sede da FEBRAE (tel.:2507-8017/2509-3742; febrae@febrae.org.br) ou na Cia. do Valor Técnico (ciavalortecnico@terra.com.br)

Os custos são: R\$ 480,00 para não associados, R\$ 420,00 para os associados das entidades apoiadoras e R\$ 360,00 para estudantes de 1ª graduação onde estarão inclusos material didático e certificado de participação. O programa completo do curso pode ser visto no site da A³P www.a3p.com.br.

FALECEU FRANK SCHAEFFER

Com extremo pesar, a A³P anuncia a perda de um dos seus associados, Frank Schaeffer, falecido no dia 05/07/08, aos 91 anos de idade. Schaeffer deixará uma lacuna não só no meio técnico mas também no meio artístico.

Frank Schaeffer foi pintor, desenhista, professor e engenheiro. Formou-se em engenharia, em 1943, pela nossa Escola Nacional de Engenharia. Estudou pintura entre 1933 e 1935 com Arpad Szénes e Wlazek, no Rio de Janeiro. Após obter uma bolsa do governo francês, se aperfeiçoou em Paris com Fernand Léger e André Lhote. Foi ainda discípulo de Robert Cami (gravura em metal) e de Ducos de La Haille (Pintura mural) na Escola de Belas Artes de Paris.

Frank Schaeffer executou ainda um mural de 52 metros quadrados no auditório do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro e ilustrou os livros Guerra e Paz, de Leon Tolstói, Contos Russos e São Jorge dos Ilhéus, de Jorge Amado e Antologia Poética, de Augusto Frederico Schmidt, No Brasil, foi membro da Comissão Nacional de Belas Artes de 1960 a 1963. Somado a isso, participou de inúmeras exposições individuais e coletivas no território brasileiro e no estrangeiro, tendo recebido muitas premiações.

Sua obra intitulada "Ressaca" (1959) pertence ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

COMEMORAÇÃO DOS 40 ANOS DE FORMATURA

A turma de 1968 (ENE-68 - POVO BRASILEIRO) estará realizando, em novembro, com o apoio da A³P, a comemoração dos seus 40 anos de formatura.

A comissão organizadora solicita aos colegas desta turma, bem como aos mestres e funcionários daquela época saudosa, que entrem em contato com a secretaria da A³P (2221-2936 ou a3poli@superig.com.br) para atualizar os contatos.

Programação:

1) Confraternização no Largo de São Francisco de Paula

Dia: 25 de novembro (terça) das 16h às 18h.

Culto Ecumênico em Ação de Graças pelos 40 Anos e In Memoriam pelos professores e colegas falecidos, no Salão Nobre e confraternização na sede da A³P.

2) Confraternização no Fundão

Dia: 27 de novembro (quinta) das 14h às 16 h.

- Visita ao Museu da Politécnica, bloco A.

- Confraternização no Espaço dos Politécnicos, no bloco I sala I 119-A.

COMUNICADO AOS ASSOCIADOS

A A³P comunica a seus associados o cancelamento de uma de suas linhas telefônicas. A linha telefônica referente ao número 2508-9598 não está mais em funcionamento.

Portanto, pedimos aos nossos associados que, para possíveis contatos, favor ligar para 2221-2936.

Agradecemos sua compreensão.

DIRETORIA DA A³P

Presidente: Heloi Jose Fernandes Moreira

1º Vice - Presidente: Léo Fabiano Baur Reis

2º Vice - Presidente: Ericksson Rocha e Almendra

Diretor Administrativo: Silvio de Souza Lima

Vice - Diretor Administrativo: Cleofas Paes de Santiago

Diretor 1º Tesoureiro: Gerhard Vasco Weiss

Diretor 2º Tesoureiro: Henri Uziel

Diretor Técnico Cultural: Fernando Artur Brasil Danziger

Vice - Diretor Técnico Cultural: Israel Blajberg

Diretor Social: Eduardo Linhares Qualharini

VISITE O NOSSO SITE: WWW.A3P.COM.BR

Contamos com a presença de todos!